

DISCUSSÕES EM FILOSOFIA DA MENTE

Ruth Rieth Leonhardt
Departamento de Filosofia
UNICENTRO, Guarapuava, PR

Resumo: O artigo focaliza a filosofia da mente que, na atualidade, se alia e utiliza os avanços da tecnociência e da cibernética. As investigações encetadas pela análise conceitual, teoria conexionista e inteligência artificial discutem a relação mente-cérebro, negam a dualidade cartesiana e entendem o homem como puramente material. A reflexão antropológica de Henrique de Lima Vaz tematiza o homem como sujeito que transcende a materialidade e se compreende na totalidade.

Palavras-chave: mente-cérebro, conexionismo, análise conceitual, inteligência artificial, antropologia.

Abstract: The article focuses the mind philosophy that, in the present time, unite and uses the advances of the tecnociences and the cybernetics. The investigations initiates by the conceptual analysis, connectionist theory and artificial intelligence argue the relation mind-brain, deny the cartesian duality and understand the man as purely material. The anthropologic reflection of Henrique de Lima Vaz is about man as subject that exceeds the materiality and it understands in the totality.

Key-words: mind-brain, connectionist theory, conceptual analysis, artificial intelligence, anthropology.

Introdução

Para Heráclito tudo está em contínuo devir. Assertiva milenar, explica as aceleradas mudanças que marcam e caracterizam a época atual e que se fazem sentir na vida de todos e de cada um. Esta significativa revolução exige do homem uma metamorfose contínua e acelerada habilidade adaptativa, subvertendo até mesmo a lei natural do lento processo. Este torvelinho em que o homem se vê envolvido suscita especulações e discussões sobre as perspectivas, tão pouco previsíveis, que se projetam.

A cibernética está abrindo muitos caminhos. Descortina mundos, infindos, sincrônicos. Modos de pensar e agir, valores, conceitos sofrem as influências das mudanças. O universo humano, em sua totalidade, se altera.

Ressalta-se como unanimidade a concepção de que esta é a era da informação, da comunidade do saber, da multimídia. A informação e o saber tiveram acelerado seu fluxo pela digitalização das mensagens. O mundo de hoje se traduz em bits, bytes, megabytes e se desvanece em valores virtuais. Num sentido maniqueísta, ou se está “plugado” (com a devida vênua pelo neologismo) ou se perece.

Em 1936, segundo diferentes relatos, um matemático inglês, Alan Turing, construiu uma máquina que serviu como base e, posteriormente desenvolvida, deu origem ao computador. A máquina de Turing era composta de uma fita com símbolos e marcas formando um conjunto finito de instruções a serem seguidas sucessivamente e que levando a se passar a outras configurações conduzia a um resultado. Por ela ficava demonstrado que máquinas podem executar tarefas até então consideradas competentes à mente humana. Daí a inferência: sendo possível transformar atividades mentais em mecânicas se forem representadas por símbolos e procedimentos efetivos, é possível ver a mente mecanizada.

“Máquinas capazes de pensar”, exigidas e voltadas para a tecnologia de guerra na década de 40, foram extraordinariamente desenvolvidas a partir do momento em que impedimentos de ordem técnica foram vencidos, dando origem, então, aos modernos computadores.

As conquistas tecnológicas, que despertam curiosidade, entusiasmo e se impõem como fato consumado, são consideradas por alguns como elementos periféricos que gravitam ao redor do homem, tornando-lhe a vida mais fácil, o trabalho menos pesado e permitindo-lhe um maior contato com o mundo. Fascinam-no por ser ele, desta forma, partícipe da aldeia global. Outros, aprofundando-se mais na análise dos acontecimentos, questionam, alimentam discussões, propõem teorias sobre os reflexos da cibernética porque, para eles, ela não é periférica, superficial, quase inconseqüente mas impactante, transformadora, revolucionária, radicando-se subrepticiamente em todos os recônditos das estruturas da cultura, da sociedade e da vida.

A verdade é que o homem deve construir outra visão para o mundo novo que se torna a realidade presente, assestada a partir da cibernética. Conhecimentos fundamentais da natureza e da tecnologia se entrecruzam e se fomentam reciprocamente. Já está se tornando genérica a afirmativa de que este é o milênio do cérebro. Saberes da medicina, informática, biologia, convergindo, têm como resultado a neurobiônica que permite à medicina operar “milagres” científicos auxiliando a neurocirurgia a devolver a pacientes algumas funções, perdidas por lesões ou degenerescência cerebrais, através da implantação de microchips ou microeletrodos no corpo.

A cibernética, uma tecnologia em construção e aprimoramento, cria fatos que levam à pergunta: a mente humana pode ser reproduzida na máquina ou, dito de outro modo, poder-se-á criar uma máquina capaz de criar pensamentos? O mapeamento do

cérebro desvendará enigmas da mente humana? Ao pragmatismo das ciências a filosofia responde com construções teórico-filosóficas sobre problemas metodológicos, epistemológicos, conceituais, provando que não há distanciamento entre o progresso das ciências e a filosofia pois esta, em sua universalidade e abertura, está sempre recomeçando.

Apesar das idéias, alimentadas pelo senso comum acerca do encastelamento da filosofia, ela é sempre atual e alerta aos problemas que as ciências fazem surgir. Mas a filosofia não secunda a ciência. Na sua condição de reflexão radical se põe na vanguarda de pensar o que as ciências destacam com suas pesquisas.

Na filosofia ganhou espaço a Filosofia da Mente que retoma a reflexão de velhas questões, alimentada pelas informações científicas mais recentes. A aproximação entre a neurofisiologia, a inteligência artificial, as ciências da computação, colocam lado a lado a filosofia da ciência e a filosofia da mente. Os fundamentos do conhecimento, discutidos desde a antiguidade grega, orientados pelas averiguações da tecnociência, são rediscutidos em relação à inteligência artificial, indagando, perquirindo respostas. E o leque delas é muito amplo e diversificado. Faz-se necessário inteirar-se sobre o que está sendo discutido, difundido para não se cair em reducionismos ou assumir posições acríticas, para que não se seja avassalado por uma realidade que interfere nos processos mentais do homem sem que ele tome consciência disso.

ARENDT (1991) considera que se o homem não pensar e tentar compreender o que faz, acabará por necessitar de máquinas que “pensem” por ele e afirma: “... seria como se nosso cérebro, condição material e física do pensamento, não pudesse acompanhar o que fazemos, de modo que, de agora em diante, necessitaríamos realmente de máquinas que pensassem e falassem por nós (...) criaturas desprovidas de raciocínio, à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja.” (ARENDT, 1991, p.11).

Pretende-se, na Filosofia da Mente, identificar algumas das principais correntes que discutem a relação mente–cérebro e verificar as implicações destas colocações.

É necessário conhecer os pontos de vista divergentes que pensadores assumem com relação à problemática mente–cérebro para se identificar os argumentos e assim ter uma clara visão da questão. Aristóteles, no Livro III da Metafísica afirma: “Además, quien ha oído todas las razones contrapuestas, como en un litigio, estará em mejores condiciones para juzgar.” (ARISTÓTELES, 1994, p.130). Há uma pergunta que se impõe: o funcionalismo computacional pode ser aplicado, incondicionalmente, ao homem? Uma resposta, afirmativa ou negativa, deve estabelecer uma reformulação, ao nível dos conceitos, para sua legitimação.

É fundamental fixar a atenção em temas que deixaram a ficção, se tornaram realidade e que trazem em seu bojo, novadas, antigas problemáticas. É necessário demonstrar que a cibernética tem um sistema de radiação exponencialmente influente, muito mais profundo e intrincado que o simples uso de um computador pessoal doméstico pode aparentar.

O objetivo deste artigo é, numa pesquisa bibliográfica ordenada pelo modo de pensar da filosofia, identificar a concepção de homem que se forma em filosofia da mente a partir dos estudos das ciências da mente. Serão estudadas três correntes que difundem o entendimento, em Filosofia da Mente, sobre a relação mente e cérebro e verificar as implicações, na filosofia, de suas tomadas de posição para se formar visão crítica sobre o assunto. A delimitação se faz necessária visto a amplitude do tema, a exigüidade do tempo e a limitação da autora.

Para a consecução do objetivo, colocam-se as seguintes questões que se quer responder: como as teorias conexionista, inteligência artificial e filosofia analítica, desenvolvidas em filosofia da mente, tratam da problemática mente-cérebro estudada a partir da segunda metade do século XX? Qual a relação que existe entre a neurociência, a ciência da computação, a microeletrônica e a filosofia da mente? O conhecimento do cérebro produzirá seres biônicos cujos processos cognitivos, reações volitivas e afetivas reproduzam as humanas? Que implicações trazem estas teorias para uma concepção acerca do homem?

O roteiro do trabalho compreende uma informação histórica sobre o conhecimento e a idéia de homem na antiguidade grega, na modernidade sobre o pensamento cartesiano e o estudo da questão no século XX. Serão estudadas as teorias: filosofia analítica, conexionista e inteligência artificial que discutem a relação mente-cérebro. Apresentar-se-á um resumo do pensamento sobre o homem que Henrique de Lima Vaz desenvolve na obra *Antropologia Filosófica* para servir de fator comparativo e definir uma tomada de posição.

O conhecimento: primeiras afirmações

Uma das tarefas a que pesquisadores sempre se dedicaram, desde que o pensar foi guindado à condição de atividade humana por excelência, foi a tentativa de conhecer os processos de conhecimento. Assim Platão e Aristóteles, Descartes, Locke, Kant, Husserl e tantos outros.

O fundamento básico do fenômeno conhecimento é a existência de um sujeito cognoscente e um objeto cognoscível, em correlação. Tal correlação é ato do pensar. O pensamento, de acordo com os gregos a atividade mais perfeita, é inerente ao homem, é racional, executada não pelo corpo mas por uma substância imaterial, o intelecto, o *nous* grego.

A idéia de uma dualidade no homem, a existência do corpo material e um princípio imaterial conjugados é, portanto, antiga.

O saber grego fundado na contemplação sobrepõe a alma (*psyché*) ao corpo (*soma*) o metafísico ao físico porque entende a instância do pensar como superior ao fazer prático. A intuição da essência das coisas sobrepuja o saber útil, a *poíesis* porque são as atividades do espírito que dão ao homem o primado na escala dos seres e fazem com que alguns sejam melhores.

Platão apresenta um conjunto de idéias em que se pode verificar suas reservas com relação aos sentidos e sua incondicional convicção acerca do poder da razão. A verdadeira sabedoria é a intuição do mundo inteligível que se contrapõe à realidade sensível. Há duas realidades frente à frente: o mundo sensível, material, mutável, relativo; o Mundo das Idéias imaterial, imutável, perfeito, das essências universais.

O homem é um composto de corpo e alma¹ sendo que esta pré-existe à união com o corpo e este é a prisão daquela. “O conjunto assim constituído, corpo e alma estreitamente unidos, recebe o nome de vivo e é qualificado de mortal.” (PLATÃO, 246 c in: DROZ, 1997, p.47).

Aristóteles aceita o princípio platônico de que a sabedoria é o conhecimento das essências porém discorda do mestre de que elas estejam separadas, num plano transcendente. Para ele, a essência se encontra nas coisas mesmas. A forma imanente, com a matéria prima constitui a substância. Todos os seres são um composto de matéria e forma. O ser vivo é constituído de um princípio vital, a *psyché*, na qual se incluem faculdades como nutrição, emoção, desejos. O intelecto, inerente ao homem e condição humana é diferente da *psyché*. Ele recebe o que está em potência e faz passar a ato o que é inteligível. Há pois, no homem, a manifestação de um princípio autônomo, uma realidade em si, substância que, apesar de ligado ao corpo, com ele não se confunde. O intelecto é a realização das capacidades do corpo orgânico. “...mesmo não se distinguindo mais do corpo à maneira de um ser numericamente distinto de um outro, a alma conserva sobre o corpo uma absoluta prioridade e continua a tratá-lo como um instrumento natural.” (BERNHARDT, in: CHÂTELET, 1981, p.154).

Descartes: uma nova fase

Os avanços científicos da Idade Moderna deram aos homens da época a idéia de que, pela observação e indução, submeteriam o mundo todo ao seu conhecimento. A filosofia voltou-se, então, para a epistemologia, a metodologia e a crítica.

Renée DESCARTES (1596-1650), no século XVII, objetiva alcançar o entendimento do fundamento, da base dos saberes constitutivos das ciências. É um projeto voltado para a construção do que ele denomina “uma ciência universal”, capaz de conduzir o homem à mais alta perfeição e que traz como consequência a renovação da visão filosófica. É destas idéias que se concebe o nascimento da modernidade, com as peculiaridades intelectuais inseridas, desde então, nos estudos investigativos.

Descartes introduz em seus processos reflexivos a separação entre razão e corpo, com a admissão das concepções de *res cogitans* e *res extensa*, a partir do *cogito* que lhe permite inferir a evidência da condição de ser pensante e afirmar a transcendentalidade da mente diante de um mundo físico, orientado por leis mecanicistas,

¹ A palavra alma é usada aqui no sentido grego dado a *psyché*: princípio vital.

tal como afirmado por Newton que colocava em questão o livre-arbítrio, a livre ação. DESCARTES (1960, p.91), afirma: “...reconheci que eu era uma substância cuja essência ou natureza não é outra cousa (sic) senão pensamento que, para existir, não tem necessidade de nenhum lugar nem depende de cousa alguma material.”

A idéia clara e distinta, critério da verdade, mostra o corpo como uma substância material cuja essência é a extensão e a alma, que tem por essência o pensamento, como inextensa e indivisível. “...há uma grande diferença entre espírito e corpo, pelo fato de ser o corpo por sua própria natureza sempre divisível e o espírito inteiramente indivisível.” (DESCARTES, 1962, p.194). O primeiro funciona de forma mecânica e a segunda produz emoções, idéias, desejos, sentimentos. Estas duas substâncias se comunicam através de uma glândula do cérebro, a pineal, que produz no corpo a consciência, a mente, as idéias. O homem é um composto destas duas substâncias, *res cogitans* e *res extensa*, cada uma completa em si mesma.

A concepção da dualidade substancial fez do pensamento cartesiano referencial para os estudos em filosofia da mente desenvolvidos no século XX. Richard RORTY (1994, p.73), por exemplo, faz um exame crítico da concepção cartesiana que estuda a substância mente e a substância corpo e conclui dizendo: “...a noção de ‘separação entre mente e corpo’ significa coisas diferentes e é provada por diferentes argumentos filosóficos, antes e após Descartes.” João de Fernandes TEIXEIRA (1996, p.168) considera que o cartesianismo marcou expressivamente a problemática da natureza da representação mental e da intencionalidade. “... é a separação cartesiana que leva a (sic) formulação explícita do problema mente-corpo no decorrer da História da Filosofia.”

A filosofia da mente no século XX

O inter-relacionamento das ciências contemporâneas está proporcionando, hoje, a mesma crença dos homens da época moderna: o mundo está disponível ao conhecimento. A avançada tecnologia, desvendando o cérebro, objetiva fazê-lo capaz de identificar e explicar seu próprio funcionamento. Mas as implicações são muito mais profundas. Permitirá tal conhecimento seja desvelado o enigma homem que se esconde nos recônditos de uma mente, até agora, incognoscível? A moderna filosofia da mente é um movimento de reflexão crítica que retoma conhecidos temas de filosofia como, entre outros a relação mente – corpo, a intencionalidade, a representação mental, examinando-os à luz dos conhecimentos trazidos pela tecnociência, especialmente a neurociência e a inteligência artificial que tentam explicar os mistérios do cérebro e que exigem que o pensado seja repensado, sob o influxo das diferentes perspectivas que se abrem.

Ela teve seu início em 1949 quando Gilbert Ryle publicou a obra *The Concept of Mind* na qual discute as relações entre o físico e o mental. Segundo Richard Rorty, esta publicação teve como consequência “...fazer com que temas sobre mentes e corpos se voltassem quase inteiramente para os casos que resistiam à tentativa lógica behaviorista do próprio Ryle de dissolver o dualismo cartesiano – explicitamente para as sensações

cruas.” (RORTY, 1994, p.106) Referindo-se aos estudos em filosofia da mente, John SEARLE é taxativo quando diz : “Só houve um tema principal de discussão em filosofia da mente nos últimos 50 anos, mais ou menos, e este tema é o problema mente-corpo.” (SEARLE, 1997, p.46).

Tal como outras tendências e concepções ao longo da história da filosofia, gerou controvérsias, discussões, teorias dicotômicas e posicionamentos dogmáticos que excluem alternativas de conciliação. Este primeiro tronco se multiplicou em muitos ramos. O espaço aberto foi rapidamente ocupado por muitos estudiosos que retomaram as antigas questões, revendo-as sob a orientação das mais recentes informações científicas. Estabeleceram-se várias linhas interpretativas da relação mente cérebro o que permite que se conclua que até mesmo para grandes nomes do pensamento atual o assunto ainda se encontra em fase de construção teórica que pretende se transformar em paradigmática. Muitos estão elaborando teses que se fixam primeiramente na contestação de proposições de outros autores para, demonstradas as fraquezas e apontadas incoerências, anunciar um contraponto que julgue mais sólido. DEL NERO (1997, p.20) diz: “Os discursos sobre a mente são inúmeros, o que indica nosso estágio pré-científico no entendê-la.”

Na comunicação *Ciências Cognitivas, Semiótica e Neurociências*, apresentada no 1º Encontro com as Ciências Cognitivas, organizado pela UNESP-Marília, Breno SERSON classifica os cientistas cognitivos em tecnológicos, experimentais e filosóficos afirmando que a meta dos primeiros é a construção de sistemas informáticos com capacidade de inteligência e percepção; os segundos, comparando empiricamente os mecanismos da percepção e da inteligência dos animais, das máquinas e dos homens, visam entender seu funcionamento; os últimos investigam percepção e inteligência para, compreendendo-os, enunciar princípios dos processos cognitivos. São as idéias difundidas por estes últimos que serão aqui abordadas

Na moderna filosofia da mente destacam-se correntes como a filosofia analítica, a teoria conexionista e a inteligência artificial.

A filosofia analítica - análise conceitual

Bertrand Russell, pensador inglês, procurando um fundamento apodíctico, evidente, que oferecesse precisão e certeza e levasse a uma seleção dos problemas que poderiam ser solucionados com rigorismo científico, encontrou-o na lógica e elevou-a a um papel proeminente na filosofia: são problemas filosóficos os que podem ser submetidos ao rigor do formalismo lógico; os que não se enquadram em suas estruturas são pseudo-problemas. É o primeiro impulso à filosofia analítica. Desta tese se originaram ramos da epistemologia, da filosofia da mente e da filosofia da linguagem.

Lingüistas, adotando a filosofia analítica, apóiam noções de significado e referência no solo da lógica. Dados dos sentidos, assentes em regras lógicas da linguagem, permitem analisar significados e oferecem certezas maiores que as contidas em asserções que, de maneira simplista, não consideram o que é falado relacionado a quem fala, para

que e para quem, isto é, não contextualizadas, destituídas de referenciais. Consideram estes lingüistas que não existem conceitos absolutos, realidades em si. A metafísica, emite enunciados que não são passíveis de serem submetidos ao princípio da verificação empírica. Portanto, seus conceitos são desprovidos de sentido. RORTY (1994, p.133/4), afirma que “A não ser que estejamos querendo reanimar as noções platônica e aristotélica sobre apreender universais, não devemos pensar que o conhecimento de verdades gerais é tornado possível por algum ingrediente especial, metafisicamente distinto, nos seres humanos.”

Pela análise lingüística determina-se o significado e há a possibilidade da verificação, o controle, a correção. Rorty considera que a filosofia atual é alumbrada com as palavras. A linguagem é uma instituição social que não pode ser convertida a estados cerebrais. Filosofia da mente e ciência estabelecem premissas criando, pela oposição, dificuldades não genuínas, ilusórias que, demonstradas falsas, extinguem o problema em sua totalidade.

Gilbert Ryle, como anteriormente referido, desencadeou a questão da análise conceitual na relação mente-corpo, transportando a especificidade dos princípios dela para o estudo da mente. A análise da linguagem ou análise conceitual é um método que se sobrepõe às teses anteriores que querem explicar a natureza dos fenômenos mentais. Para Ryle, aplicando-se a análise semântica para os termos com que são referidos os fenômenos mentais – sensações, imagens, consciência, crenças, medos, pensamento, entendimento, intenções – fica demonstrado que são somente pseudoproblemas e que não se pode falar em problemas em filosofia da mente. Os problemas estudados por aqueles que pretendem que uma máquina pense, aventando paralelismos entre os processos realizados pelo cérebro e por estruturas computacionais, subsumem no significado das palavras. Demonstrando-se que a dualidade da pessoa como “um espírito acomodado numa máquina” é um erro de categoria, é confusão conceitual nascida da linguagem comum, aplicando-se a análise conceitual o problema mente-corpo dissolve-se, é eliminado pela raiz. “Ryle argumenta que os termos cruciais ‘corpo’ e ‘mente’ pertencem a ‘categorias lógicas’ diferentes, mas são, no pensamento de Descartes, tratados como se pertencessem à mesma categoria.” (BUTTON et al, 1998, p.90)

Rorty, seguidor da filosofia analítica, discute em sua obra *A filosofia e o espelho da natureza* a teoria do conhecimento que perpassa a época moderna como difusora da idéia de que a mente funciona como um espelho reproduzindo, nas suas representações, o dado da natureza o que na verdade se transformou num discurso dogmático devendo ser rompido pela análise conceitual. Assim é que coloca como objetivo de sua obra “...minar a confiança do leitor na ‘mente’ como algo sobre o qual se deveria ter uma visão ‘filosófica’, no ‘conhecimento’ como algo sobre o qual deveria haver uma ‘teoria’ e que tem ‘fundamentos’ e na ‘filosofia’ como esta foi concebida desde Kant.” (RORTY, 1994, p.22).

Para RORTY (1994, p. 35), o conhecimento não é representação exata mas uma edificação lingüística que se constrói a partir de uma postura existencialista de um eu

empírico que é agente moral. Este eu empírico questiona o conhecimento nos seus propósitos, na sua moralidade e na sua finalidade e ultrapassa o espaço fechado, já dado, do realismo, direcionando-se para a aceitação do discurso filosófico que ele denomina edificante, questionador da metafísica e da filosofia sistemática. O discurso edificante é aberto, efêmero, transitivo e não propõe verdades objetivas, acabadas, mas um continuado diálogo com todas as áreas da cultura. “...a nossa assim chamada intuição sobre o que é mental pode ser apenas nossa disposição de entrar no jogo de linguagem especificamente filosófico.”

A análise conceitual é pois o instrumental mais adequado para indicar a inexistência da dificuldade, ilusoriamente criada, em filosofia da mente. A utilização de termos de forma inadequada, tomados como metáforas que retratam a mente e suas funções aplicando-os nas máquinas e suas operações é o grande erro. O uso correto da linguagem evidencia a verdade. Nada mais há a questionar sobre o tema. “Não há nenhuma questão (filosófica) a ser tratada juntamente com qualquer trabalho técnico na área das ciências computacionais: os problemas surgem quando se pensa que os sistemas computacionais encarnam modelos adequados de funções humanas ou fornecem o aparelho conceitual correto para descrever tais funções.” (BUTTON et al, 1998, p.174).

Teoria conexionista

A teoria conexionista defende uma concepção mecanicista do cérebro apoiada nos estudos da neurociência que em poucos anos avançou consideravelmente no estudo do cérebro humano. O descobrimento do neurônio, em 1972, fez com que, nos anos 80, a teoria conexionista encontrasse maior fomento. O neurônio pode ser dito, grosso modo, a célula fundamental do cérebro. Button et ali apontam como raiz da teoria conexionista os estudos de Warren McCulloch e Walter Pitts que criaram um modelo matemático para explicar o funcionamento do que chamaram neurônios formais afirmando que, se o neurônio for concebido como uma “unidade lógica binária”, seu funcionamento será representado com um número finito de expressões simbólicas. O neurônio recebe uma “informação” que excita, ativa seu funcionamento, a envia adiante por um sinal elétrico e por fim a integra, constituindo-se assim o complexo sistema de relação do cérebro com o meio em que vive o sujeito e desencadeia os processos mentais. Em outros termos, uma expressão matemática traduz o funcionamento do cérebro e o que é denominado mente é fenômeno neurofuncional. “A mente é uma complexa reunião de elementos fundamentais – o neurônio, a sinapse, o neurotransmissor e o receptor – capazes de gerar arranjos construtivos diferentes, dependendo do número e da combinação...” (DEL NERO, 1997, p.46).

Os conexionistas afirmam que mente e cérebro se identificam. Entendendo-se o funcionamento do cérebro está esclarecido o funcionamento da mente. Esta é passível de ser explicada por uma descrição neurofuncional porque não existe um sistema simbólico interno. Fenômenos mentais são processos biológicos internos que formam um conjunto funcional de propriedades neurais. Negam a existência de um substrato espiritual no homem e se aproximam da neurofisiologia com o objetivo de reduzir a mente e seus fenômenos a

processos empiricamente constatáveis. SEARLE (1997, p.7) diz “...os fenômenos mentais são causados por processos neurofisiológicos no cérebro, e são, eles próprios, características do cérebro.”

A analogia biológica do computador como usando redes, da mesma forma que os neurônios, e a analogia computacional da mente, como funcionando eletromecanicamente, são fatores que conduzem a uma redução da mente ao cérebro. A modelização conexionista da mente permite a negação da dualidade e a integração do mental como função do cérebro e explica os estados mentais como conexões de ativação ou inibição fisiológica entre os neurônios. Para Searle a intencionalidade e a consciência são produtos das funções neuronais do cérebro como também o é para DEL NERO que considera que as funções mentais são cerebrais por que a mente é um processo e o cérebro não precisa dela para atos de percepção e ação. A valoração destes atos exigiu que fosse criada uma versão deles, unificando, com a linguagem e a memória o fenômeno da consciência. A mente e a consciência resultam da combinação de elementos culturais e cerebrais. Os pressupostos implícitos neste processo reducionista e as implicações decorrentes obrigam a uma aproximação da filosofia da mente com a filosofia da ciência com o intuito de conciliar as teorias neurofisiológicas dos eventos mentais como sinais elétricos e a experimentação de estados de pensamento, consciência, dor entre muitos outros. O resultado é serem os últimos considerados processos cognitivos resultantes de processos culturais. “... nossa mente é misto cérebro misto mundo (...); em princípio não me agrada a idéia de que algo está num sistema biológico sem função ou como um engano; portanto deve haver algum correlato neuronal para a vontade e a sensação de liberdade;” (DEL NERO, 1997, p.424).

Inteligência artificial

A Inteligência artificial é um movimento que defende a idéia de que é possível criar máquinas que, imitando a atividade mental do homem, sejam capazes de pensar.

O ponto inicial desta teoria foi a máquina de Turing (acima citada) que, executando operações matemáticas, serviu como modelo básico para os computadores.

O estudo do cérebro e a constatação de sua estrutura neuronal funcionando como um sistema elétrico permitiu que se fizesse ilação da identidade de correspondência funcional entre o computador e o cérebro. Se características mentais são resultantes de processos neurobiológicos a simulação destes permite a reprodução daqueles. A relação mente-cérebro foi colocada na mesma coordenada de um software com o hardware de um computador pois ambos são funções de “máquinas”. Neste sentido, o computador é um modelo da mente humana. Tal conclusão determina conseqüências para a filosofia. Criar modelos computacionais para a mente tornou-se mais que um objetivo, uma tarefa desafiadora para desvendar uma grande incógnita de tantas que dizem respeito ao homem. Simular atividades mentais, comportamentos inteligentes é um feito criador da Inteligência Artificial. Verificando-se nas máquinas atividades específicas da mente humana, não sendo

mais possível distinguir as respostas dos computadores daquelas dadas pelo homem, a atividade cognitiva humana é posta em questão. Estudos de programas de computador que executam atividades ditas inteligentes tornam verossímil a atribuição da capacidade de pensar às máquinas. É possível a elas a consciência, a intencionalidade, a inteligência?

TEIXEIRA (1996, p.9) considera que “A investigação em Inteligência Artificial constantemente se entrecruza com a investigação filosófica na medida que construir programas significa muitas vezes indagar pelas condições de possibilidade de certos desempenhos cognitivos presentes na linguagem natural, na percepção etc...”.

Searle entende que a consciência é um elemento biológico do cérebro, produzido pela atividade neurofisiológica mas concede que sua localização espacial não é tão simples como alguns possam imaginar e critica as pretensões de entretecer semelhanças com modelos computacionais sem um maior conhecimento de como funciona a mente consciente.

A palavra consciência, pelas acepções a ela atribuídas, integra diversidades, ambigüidades e contraditos. Seus muitos sentidos fazem-na perder em essência. Teilhard de CHARDIN (1995, p.67), utilizando o termo, ressalta sua amplitude. “(consciência é) qualquer espécie de psiquismo, desde as formas mais rudimentares de percepção interior que se possam conceber até o fenômeno humano de conhecimento reflexivo.”

Teixeira questiona o paralelo mente-máquina sob a discussão do problema da intencionalidade, demonstrando que máquinas podem reproduzir funções mentais como ver, andar, mas não têm consciência (no sentido de saber) o que fazem, nem possuem a intencionalidade, isto é, não tomam decisões. Para este autor, o pensamento advém da relação entre os organismos e o meio ambiente estabelecida pelas representações mentais que referem o mundo com intencionalidade.

Como se verifica, o arsenal tecnológico que permite a construção de máquinas que reproduzem funções do cérebro, não têm a capacidade humana da racionalidade. A Inteligência Artificial é limitada à execução mecânica de programas pré-elaborados que não têm vontade própria nem tomam decisões circunstancialmente exigidas.

Antropologia - um contraponto

As correntes até aqui apresentadas difundem a concepção epistemológica de homem como um elemento que se constitui de matéria com atos mentais que podem ser explicados como funções cerebrais.

Em posição antitética a estas teorias, a antropologia filosófica tematiza o homem em sua essência para responder à pergunta: quem é o homem? num sentido de totalidade, compreendendo-o em sua realidade condicionada, que não se esgota na materialidade mas que busca realizar-se em horizontes abertos à transcendentalidade.

VAZ (1992), apresenta um estudo do homem neste sentido de totalidade. Um dos núcleos conceptuais que aborda é o de estrutura que se organiza em 3 categorias que ele denomina de corpo próprio, psiquismo e espírito e que resumidamente será apresentada a seguir.

A categoria do corpo próprio interpreta o corpo (*soma*) como uma dimensão na qual o ser do homem se situa, está no mundo e se expressa. O corpo é compreendido em 3 instâncias: a física – o corpo é substância material – a biológica – o corpo é organismo – e a intencional – o corpo próprio, assumido na condição de ser no mundo que tem seu corpo. “Portanto, ao nível da pré-compreensão a mediação do sujeito se exerce como mediação *empírica* que suprassume o corpo *dado*, ou o corpo como Natureza (N) na Forma (F) do *corpo próprio*, pela qual ele se torna um corpo propriamente *humano*.” (VAZ, 1992, p.178).

Na categoria da compreensão explicativa o corpo humano é visto sob ótica científica como objeto, como dado, que é estudado no sentido da filogênese, da ontogênese e como organismo. É porém impossível uma descrição puramente objetiva do corpo porque há uma mediação que é exercida por um sujeito dotado de intencionalidade.

No nível da compreensão filosófica se verifica a dicotomia entre o sujeito intencional que assume o corpo próprio na condição de ser-no-mundo e o corpo objetivizado. Verifica-se a impossibilidade lógica de identificar ser homem e ser corpo impedindo a compreensão de si e exigindo o ultrapassamento da categoria do corpo para explicar o homem.

A categoria do psiquismo é referida como mediadora entre o pólo corporal e o pólo espiritual.

Em termos de pré-compreensão o estar no mundo se manifesta através da percepção e a transposição para ser-no-mundo ocorre pela constituição de um mundo interior com a consciência do eu.

A compreensão explicativa gira em torno da idéia da consciência mas se depara com um problema ainda em discussão porque a vida psíquica não pode ser objetivizada. Já a compreensão filosófica do psiquismo especifica que a presença psíquica do sujeito no mundo é mediatizada pelo corpo, intercalando o distanciamento entre o sujeito e o mundo de modo que aquele capta e interpreta a esta como se estivesse numa posição fora. “... o Eu se apresenta como sujeito ou como pólo unificador da vida psíquica.” (VAZ, 1992, p.193).

Na categoria do espírito – a culminância da unidade do ser humano – o homem se abre à transcendência. Para Vaz há identidade entre os conceitos de espírito e de ser.

Na pré-compreensão do espírito se dá a expressão espiritual. Nela a corporeidade e o psiquismo são mediados pelo espírito e se tornam partícipes da forma humana. O homem deixa a condição de estar-no-mundo. A experiência espiritual se manifesta por atos espirituais que são culturalmente diversos como arte, religião, sociabilidade, conhecimento e pelos quais o homem se autocompreende e se torna ser-no-mundo, isto é se faz presente ao mundo.

Na compreensão explicativa do espírito ocorre a dificuldade de aplicação dos princípios da ciência e da mediação abstrata porque a própria ciência é uma operação do espírito e estas operações são apreendidas através do seu objeto – o produto das obras do homem.

Na compreensão filosófica do espírito ressalta a transcendência. O espírito humano se debate entre a abertura ao transcendente e as limitações que vêm da finitude e contingência do sujeito “...abertura transcendental ao horizonte universal do ser (como Verdade e Bem), impõe ao homem a tarefa da sua auto-realização segundo as normas dessa universalidade.” (VAZ, 1992, p.224).

A postura assumida por Vaz é de que o homem deve ser pensado na sua totalidade que compreende corporeidade, psiquismo e espiritualidade. Pela aplicação de um discurso dialético à antropologia filosófica fica demonstrado que tese e antítese são suprassumidos na síntese que conceitua o ser do homem.

A presença do homem a si num sentido de totalidade se dá na relação transcendental do homem, reduzido à condição corporal e psíquica, à universalidade do ser. Só nessa abertura e na assunção da categoria do espírito como síntese é que o homem advém à universalidade como razão e liberdade e aí o homem é conhecido em sua essência.

Ao se contrapor às teorias em filosofia da mente aqui apresentadas e que se pautam pelo materialismo a antropologia filosófica proposta por Vaz que defende a transcendência do homem, verifica-se que entre as primeiras há um esquecimento do homem apesar de que o objeto para o qual se voltam é este mesmo homem visto que tentam fazer a racionalidade redundar a um conjunto de respostas produzidas em cadeia, por estímulos do meio. A categoria fundamental da racionalidade quando interpretada somente sob a ótica do processo estrutural da ciência impossibilita uma concepção de homem no sentido de totalidade que se realiza na superação do meramente material.

A técnica foi um fundamento civilizacional. O homem precisava sobreviver no mundo natural. A técnica – e a tecnologia, progresso dela – são as formas do *homo faber* se sobrepõem à natureza. Os fazeres das ciências que se destacam, neste tempo, em função do aparato tecnológico disponibilizado estão em meio do caminho.

O descobrimento da célula e de sua capacidade auto-reprodutora, fazendo cópias idênticas ao elemento originário, levou alguns a considerarem desnecessário procurar um princípio vital especial extrínseco porque a vida começa com a célula. Ela é a *arké* que os milésios procuravam? E aí é que começa o esquecimento do homem na medida em que ele não se reduz ao biológico. Aristóteles afirma que superada a necessidade vital o homem passou a filosofar movido pela perplexidade, a admiração. O homem coloca a subjetividade numa postura aberta, receptiva e projetada nas coisas sua visão de mundo, imprimindo significado e sentido através da reflexão crítica que brota da racionalidade.

A razão, em seu conceito primeiro é faculdade de pensar, atividade mental que compete ao homem. Como essência da condição humana substancia a contemplação, necessidade intrínseca que conduz para o rompimento dos limites determinados pela mortalidade e aspira a transcendência. É pelo espírito² que o homem tematiza a dimensão ontológica da relação sujeito-objeto.

² Segundo Vaz o espírito no sentido de *noûs* é contemplação, *theoria*; no sentido de *synesis* é consciência-de-si. (ver Antropologia Filosófica, pg. 203).

Mesmo reconhecendo os clamores, argumentos e teorias contrárias à aceitação de espiritualidade, Vaz afirma que o discurso sobre o homem não se conclui caso não se admita a categoria do espírito.

Del Nero, defendendo a identidade mente-cérebro, teve que admitir que ainda não se conhece com exatidão a articulação entre ambos, não existe teoria para substituir as que tratam da vontade e que atos humanos como as ações voluntárias, a liberdade e o senso de dever não dispõem de um “análogo biológico-mecânico” e propõe a convivência entre as concepções tradicionais e a nova ciência. Este tipo de manifestação permite que se conclua que transformar a mente em função cerebral não desvenda o mistério homem que queda insolúvel na transcendentalidade pessoal.

Conclusão

De modo geral, a ciência hoje não está mais afeita à tentativa de descobrir e descrever o que a natureza faz. Conhecimentos matemáticos e eletrônicos são utilizados para explicar funções mentais como processos mecânicos, sendo as atividades bioquímicas do cérebro considerados por alguns os fatores determinantes de qualquer ação mental.

Objetivando identificar como a filosofia da mente aborda questões relacionadas ao homem, mais especificamente a relação mente-cérebro, a reprodução de atos mentais em máquinas, tomou-se como ponto de partida a idéia do conhecimento difundida pelos gregos que concebem que o homem, dotado de intelecto, apreende o mundo sensível, compreendendo-o como dual. Desta mesma forma, Descartes: o homem é dualidade. O século XX herdou do século XIX os clamores antimetafísicos. Desenvolvendo teorias cognotivistas, muitos pensam o homem de forma idêntica à máquina, negando a espiritualidade pois funções mentais são funções cerebrais. Nesta linha verificou-se que os filósofos analíticos transferiram a análise conceitual para os estudos em filosofia da mente, concluindo que a correção categorial dos termos dissolve o problema pois fenômenos internos são referentes incorretos porque o homem é uma máquina.

Os conexionistas, pautando-se nos estudos científicos sobre o cérebro, explicam fenômenos mentais como função cerebral e que, descoberto o lugar da mente no cérebro provar-se-á que a dita mente é só um processo biofísico.

A inteligência artificial, com as informações fornecidas pelas ciências, aceita a reprodução de fenômenos mentais nas máquinas e aventa a possibilidade delas pensarem.

As três teorias apresentadas colocam o homem sob a ótica do puramente material, negam-lhe a dualidade porque recusam qualquer instância que não seja passível de ser explicada e avaliada com os instrumentos das ciências empíricas. As teorias cognotivistas examinadas pensam o homem como idêntico à máquina. Identificam as funções mentais com as funções cerebrais, alicerçados nas informações exaradas da neurociência, da microeletrônica e da ciência da computação, entretecidas entre si em nova urdidura que tenta demonstrar a condição biônica do homem: um conjunto celular orgânico, reagente através de sinais elétricos que são desencadeados por estímulos. De tal proposição infere-

se que este ser, suas reações e processos cognitivos podem ser executados pelas “criaturas” da inteligência artificial. O que era ficção, submetida ao pragmatismo científico, passa a ser real. E a problemática acerca do homem continua em aberto, suscitando polêmicas entre concepções decorrentes do conjunto das informações científicas e a concepção clássica do homem composto de matéria e forma.

Ao argumento científico que diz da impossibilidade de provar a existência de uma substância noumênica que orienta e direciona as reações do homem, responde a própria incapacidade da ciência atual de determinar em que ponto do cérebro se localiza a mente. O erro categorial requerido pela análise conceitual pode ser aplicado à discussão sobre inteligência artificial. De acordo com o ensinamento do lingüista Antônio Geraldo da Cunha, inteligência derivou da língua latina, da palavra *intelligere* que significava ler entre, compreender, o que não é dado à máquina. As conclusões são exorbitantes, negligenciando a verdade que a máquina robótica só “pensa” o que a mente de um ser humano nela implementou.

Acatar estes posicionamentos que descrevem um homem monoplástico é aceitar a negação da condição humana de ser pensante que ultrapassa o material e se realiza na transcendência. A manifestação da interioridade humana toma os nomes mais diversos tais como *pneuma*, cultura, *res cogitans*, alma, *psyché*. A antropologia filosófica, que apresenta uma visão do homem em sua totalidade e dualidade é a resposta mais adequada e completa que se requer pois há algo que põe em xeque as teorias que identificam homem-máquina, mente-cérebro e afirmam que seres compostos de circuitos microeletrônicos pensam: a Liberdade, a autoprojeção do homem como Ser é condição humana por excelência e não pode ser atribuída nem reproduzida pelos objetos artificialmente inteligentes.

Não se nega valor às contribuições das ciências que estudam o homem em suas diferentes manifestações. O que se constata é que a última palavra não foi dita, a solução definitiva a respeito de quem é o homem não há. A incógnita continua.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Diccionario de filosofia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- ARENDT, H. *A condição humana*. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Madri: Editorial Gredos, 1994.
- BUTTON, G. et al. *Computadores, mentes e condutas*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARDIN, T. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CHÂTELET, et al. *História da filosofia: A filosofia pagã*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DEL NERO, H. S. *O sítio da mente*. São Paulo: Collegium Cognito, 1997.

DESCARTES, R. *Obra escolhida*. Prefácio e notas Gérard Lebrun. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

_____. *O discurso do método*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

DROZ, G. *Os mitos platônicos*. Brasília: UNB, 1997.

SERSON, B. Ciências cognitivas, semiótica e neurociências in: GONZALES, M. et al (org.). *Encontro com as ciências cognitivas*. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1996.

RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1994.

SEARLE, J. *A redescoberta da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TEIXEIRA, J. F. de. *Filosofia da mente e inteligência artificial*. Campinas: UNICAMP, 1996.

VAZ, H. L. de. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 1992.